

O DESTINO CUSTA 70 REAIS: REFLEXÕES SOBRE UM EXPERIMENTO CÊNICO

Maria Luiza de Oliveira Leme (Universidade Estadual de Maringá)

Clara Soares Mugnaini Barbosa (Universidade Estadual de Maringá)

Lucas Pinheiro de Almeida (Universidade Estadual de Maringá)

ra129507@uem.br

Resumo:

O presente trabalho apresenta as vivências de um processo de montagem teatral desenvolvido no âmbito do Projeto de Extensão “Práticas de Encenação e Pedagogias do Teatro” (PEPT) do curso de Artes Cênicas – Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual de Maringá (UEM), com uma turma de adolescentes de 13 a 17 anos. O curso, de 44 horas, tinha como objetivo inicial a criação de uma encenação a partir de práticas colaborativas, jogos teatrais e adaptações textuais, advindas dos interesses e dos horizontes de expectativas dos adolescentes. Entretanto, o processo enfrentou desafios relacionados à resistência dos participantes, à dificuldade de reconhecimento da autoridade pedagógica das ministrantes e à indisponibilidade prática do grupo, fatores que impactaram diretamente a construção cênica. Apesar dos entraves e da necessidade de adaptação dos objetivos iniciais, a experiência configurou-se como um espaço formativo importante, proporcionando reflexões sobre ensino-aprendizagem em teatro, estratégias metodológicas e relações de autoridade e cooperação no contexto educacional.

Palavras-chave: Experimento cênico; Processo pedagógico; Teatro com adolescentes.

1. Introdução

O trabalho apresenta as vivências de um processo de montagem teatral com adolescentes, realizado no âmbito do Projeto de Extensão *Práticas de Encenação e Pedagogias do Teatro* (PEPT) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Partindo dessa premissa, o objetivo do seguinte trabalho, é compartilhar as experiências artístico-pedagógicas teatrais desenvolvidas, tendo como foco a relação entre as ministrantes e os adolescentes participantes do processo.

O projeto de extensão “Práticas de Encenação e Pedagogia do Teatro” (PEPT), ainda que com outras nomenclaturas, existe desde 2011, e atua exercendo funções pedagógicas, administrativas e organizacionais para o curso de graduação e a curricularização da extensão do seu Projeto Pedagógico.

2. Metodologia

Entre março e agosto de 2025, foi ofertado um curso de Montagem Teatral com carga horária de 44 horas, destinado a sete adolescentes (13 a 17 anos) com experiência prévia em teatro. Os encontros, realizados semanalmente às terças-feiras, buscaram desenvolver habilidades teatrais, improvisação e criatividade em um processo colaborativo de criação cênica. A metodologia foi organizada em três etapas — integração do grupo, investigação dos interesses dramáticos e criação das cenas —, com todas as atividades planejadas e registradas em diário de bordo, que orientou o acompanhamento e as adaptações ao longo do percurso.

Nos seis primeiros encontros, o foco esteve na formação de vínculos e no preparo coletivo, com a aplicação de jogos teatrais inspirados em Viola Spolin (2014) e Augusto Boal (1977). Pela miríade de propostas pertencentes a tais abordagens didático-metodológicas e por nós selecionadas para as aulas, torna-se inviável descrevê-las pormenorizadamente. De modo geral, essas atividades — que incluíam aquecimentos, exercícios de concentração e improvisação — buscaram colocar o grupo em “estado de jogo”, estimulando disponibilidade, escuta e interação entre os participantes.

Ao final dessa etapa, uma roda de conversa foi realizada para identificar os interesses do grupo, que demonstrou preferência por temáticas ligadas à fantasia e à comédia. Essa escuta teve como finalidade alinhar o processo criativo aos repertórios e desejos dos adolescentes, favorecendo o engajamento e a corresponsabilidade no trabalho coletivo.

Com base nisso, foram apresentados três textos — *A cartomante* (Machado de Assis), *Sonho de uma noite de verão* (William Shakespeare) e *A pequena vendedora de fósforos* (Denise Crispun) —, sendo o texto escolhido coletivamente pelo grupo

para orientar a montagem. A opção por *A cartomante* refletiu a identificação dos participantes com o enredo e com as possibilidades cômicas e imaginativas que o material oferecia.

Nos quinze encontros seguintes, o trabalho concentrou-se na criação, ensaio e lapidação das cenas, com experimentações vocais e corporais e dinâmicas de composição de personagem. Foi nessa fase que emergiram desafios ligados à resistência dos participantes, à dificuldade de reconhecimento da nossa autoridade pedagógica, como ministrantes do curso, e à limitada disponibilidade prática do grupo, fatores que interferiram na consolidação da proposta cênica.

3. Resultados e Discussão

Durante o processo de ensaio das cenas, os principais desafios tornaram-se evidentes: resistências dos participantes, dificuldade em reconhecer a autoridade pedagógica das ministrantes e limitada disponibilidade prática, fatores que impactaram diretamente a construção cênica. Como condutoras, interpretamos tais resistências como reflexos de insegurança e medo da exposição, em consonância com Forner (2009), que defende a importância de oferecer oportunidades de prática “em um ambiente consistente e estável, e de aprender sem medo do fracasso” (p. 92).

O percurso revelou-se gradualmente desgastante, com uma sensação constante de insuficiência. Ainda assim, promoveu transformações na postura das ministrantes, que ajustaram seus modos de condução, reconhecendo que o ensino-aprendizagem teatral depende tanto da flexibilidade docente quanto da participação ativa dos alunos. Como afirma Freire (1996), a autoridade do educador deve equilibrar-se “entre o autoritarismo e a licenciosidade”, sustentando um ambiente de respeito e corresponsabilidade.

Como resultado, foi apresentada uma cena de cerca de 10 minutos a um público aproximado de 70 pessoas. A decisão de apresentar apenas parte do material, priorizando a qualidade, gerou frustração inicial entre os adolescentes, mas reafirmou a autoridade das ministrantes. Em uma roda de conversa final, as devolutivas foram majoritariamente positivas, reconhecendo avanços individuais e coletivos.

4. Considerações

Embora o produto final não tenha correspondido ao que idealmente planejávamos, a experiência foi significativa para refletir sobre os desafios do ensino-aprendizagem teatral com adolescentes. Evidenciou-se a necessidade de estratégias pedagógicas sensíveis às características dessa faixa etária e às resistências que podem limitar o envolvimento criativo.

As dificuldades enfrentadas, embora exigentes, fortaleceram nossos vínculos. A convivência diante dos impasses gerou um espaço de apoio e de escuta entre nós, o que nos permitiu elaborar conjuntamente novas formas de conduzir os encontros e ensaios. Essa troca foi essencial para repensar posturas, experimentar diferentes abordagens e sustentar o processo, mesmo diante da desmotivação do grupo.

Reconhecemos, assim, que a experiência proporcionou um aprendizado valioso: nos sentimos mais preparadas para lidar com situações semelhantes em turmas futuras, alinhando expectativas e criar estratégias que favoreçam o engajamento coletivo. Embora desafiador, o percurso constituiu um exercício de amadurecimento pedagógico, sensível e colaborativo.

Referências

Boal, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

FORNER, Viviane Bastos. **Corpo, escola e vida: o uso do corpo, o movimento e a exploração do espaço como dispositivos para o aprender-discussões na formação de professores**. 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. Tradução: Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2014.